

## PROJETO PRÉ-VESTIBULAR PARA SURDOS DA UFPA - CAMPUS DE MARABÁ

Laissy Tainã Silva Barbosa<sup>1</sup>

Hildete Pereira dos Anjos<sup>2</sup>

**Resumo:** O trabalho descreve as atividades de atendimento do Programa de Extensão do Núcleo de Educação Especial e Núcleo de Acessibilidade do Campus de Marabá, decorrente do ano de 2011. O objetivo do programa é a articulação das atividades universitárias de ensino, pesquisa e extensão do Campus de Marabá com as ações da rede pública de ensino, no que tange à educação especial e inclusão escolar do surdo. Para efeito deste trabalho contribuíram discentes voluntários, uma graduada em Pedagogia e uma professora/intérprete da rede pública de ensino, que resultaram no reforço dos conteúdos do vestibular.

**Palavras-chave:** Deficiência. Ensino superior. Acesso e permanência.

---

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Letras Inglês da UFPA, campus de Marabá. E-mail: [yssial@hotmail.com](mailto:yssial@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Educação, professora adjunta da UFPA, campus de Marabá. E-mail: [hpanjoma@ufpa.br](mailto:hpanjoma@ufpa.br)

## Introdução

A proposta deste trabalho é apresentar as atividades próprias de bolsista dentro do Programa de Extensão do Núcleo de Educação Especial e Núcleo de Acessibilidade do Campus de Marabá – NEES/NACE. Essas atividades envolvem o preparo de alunos surdos de ensino médio para o vestibular por meio de oficinas. Durante as atividades de atendimento diário do núcleo, a proposta é articular pesquisa e extensão, colaborando assim, com a formação de um educador atuante no projeto de inclusão escolar da pessoa em situação de deficiência (RABELO *et al.*, 2011). É válido ressaltar também, as oficinas de formação no campo da linguagem matemática, língua portuguesa e Língua Estrangeira-Inglês, subárea das atividades do Núcleo de Acessibilidade com alunos surdos durante o ano de 2011, haja vista que os surdos podem acessar outras culturas e conhecimentos específicos a partir das oficinas.

A iniciativa das aulas de inglês fez surgir questionamentos acerca da necessidade do surdo ao acesso à Língua Inglesa. Contudo, partiu-se do princípio de que é possível ao surdo aprender a usar uma Língua Estrangeira, de acordo com suas limitações, ressaltando o uso na formação universitária e para o mercado de trabalho ou até mesmo para o cotidiano social. “O inglês goza de uma posição dominante nos setores da pesquisa científica, da comunicação, da imaginética, da cultura de massa” (LE BRETON, 2005, p. 23), por exemplo, a Internet, principalmente as redes sociais que são acessadas por pessoas de todas as faixas etárias. O Projeto Pré-Vestibular dispõe de uma intérprete voluntária e através dela tornou-se possível a comunicação entre o ministrante da aula e os alunos surdos.

Desse modo, as oficinas promovidas pelo NEES/NACE têm uma significativa importância também por causa do aumento do vocabulário do surdo na Língua Portuguesa, o que possibilita uma melhor compreensão das questões do processo seletivo para entrar na universidade.

## Referencial teórico

Como destaca Serrano, a função da extensão extrapola a mera prestação de serviços à comunidade: torna-se possível produzir conhecimento ao fazer dialogar os vários tipos de saberes.

Ao fazer extensão estamos produzindo conhecimento, mas não qualquer conhecimento, um conhecimento que viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a Sociedade e vice-versa. Uma extensão que é experiência na sociedade, uma práxis de um conhecimento acadêmico, mas que não se basta em si mesmo, pois está alicerçada numa troca de saberes, popular e acadêmico, e que produzirá o conhecimento no confronto do acadêmico com a realidade da comunidade. (SERRANO, 2012, p. 11)

Compreendendo assim a extensão, e entendendo a deficiência como construção cultural e não como característica do indivíduo (DINIZ, 2007), as atividades do NEES buscam incorporar os saberes discentes e docentes produzidos na educação pública acerca da questão da deficiência: saberes técnicos, científicos, populares em diálogo e reconstrução permanente. Esse trabalho de incorporação gerou uma produção razoável da qual é aproveitado os textos de Andrade (2010) e Pereira (2010) sobre as oficinas de linguagem no pré-vestibular para alunos surdos durante o ano de 2009/2010. Fundamental para a discussão é a concepção de Machado (2010) que contempla a prática da tradução para Libras e a tentativa de ser o mais fiel possível no ato transitório da língua. Toma-se por base também uma síntese da geopolítica do inglês no mundo (LE BRETON, 2005), pela razão que o inglês está presente de forma relevante na sociedade, como uma língua global e acessível através do cinema holywoodiano, da música, da internet, entre outros meios; ou seja, havendo uma interação de grande

da língua inglesa no Brasil.

## **Metodologia**

O projeto pré-vestibular é de cunho participativo e estava no ano de 2011 em sua quinta edição (iniciou-se em 2007). Nesse projeto, graduandos voluntários da UFPA/Marabá ajudam alunos surdos nos estudos das disciplinas do vestibular, buscando sua inserção na universidade pública. Contribuem com o grupo uma intérprete da rede pública, bolsistas do NEES, alunos do curso de Pedagogia matriculados no Núcleo e discentes voluntários dos cursos de Matemática e Letras com Licenciatura em Inglês, sendo que esta era bolsista do NEES/NACE, e uma graduada em Pedagogia, a qual participa do projeto desde 2009, quando fez sua monografia de conclusão de curso com base nas oficinas de linguagem com os alunos surdos.

Em anos anteriores, eram ministradas todas as disciplinas do vestibular, mas a coordenação do projeto percebeu que os alunos surdos estavam tendo dificuldades em estudar todas as áreas de conhecimento juntas. Por isso, foram escolhidas atividades vinculadas à linguagem, considerando que as principais dificuldades apontadas por eles se encontravam na transição entre língua portuguesa e Língua Brasileira de Sinais – Libras - (PEREIRA, 2010 e ANDRADE, 2010). Foi eleito então, em discussão com a intérprete e os alunos surdos e considerando a disposição e as habilidades dos voluntários disponíveis, a linguagem matemática, a língua portuguesa e a língua inglesa como as disciplinas a serem ministradas.

Durante o primeiro semestre do ano de 2011, ocorreram sete encontros aos sábados com a participação média de oito surdos, do sexo feminino e masculino com idade entre dezoito e vinte e cinco anos. Os conteúdos foram previamente adaptados por meio de fichas/glossário, slides ilustrativos e também figuras geométricas entre outras referências similares no sentido de aproximar o conteúdo ao cotidiano do surdo. Nesse sentido, a bolsista do NEES fazia recorte e colagem das figuras para montar fichas, escolha de conteúdo, cópia de materiais, montagem de equipamentos como data show para tornar possível uma visualização do que estava sendo posto. Os encontros duravam em média três horas e meia e realizavam-se em uma das salas de aula da UFPA- Campus de Marabá reservada antecipadamente.

## **Resultados e conclusões**

O Projeto Pré-Vestibular é uma oportunidade para graduandos desenvolverem trabalhos acadêmicos e de conclusão de curso (TCC), por exemplo, o voluntário do curso de Matemática, que ministrou oficinas visando o seu TCC. Este voluntário já fazia uso de Libras, o que tornou o processo de comunicação entre professor-aluno bem mais eficaz. Durante as aulas, quase não se usava a Língua Portuguesa, pois era constante o uso de Libras, e para efeito deste trabalho, foi feita uma entrevista com o professor de matemática acerca da importância de comunicação direta entre professor-aluno surdo:

Em primeiro lugar eu acredito que (...) o interesse do aluno pela disciplina que o professor está ministrando, haja a vista que não tem nenhuma ponte entre o professor e o ensino da disciplina com o próprio surdo, é ligação direta neh (...) então... com um intérprete presente , os alunos eles tendem , eles focalizam muito mais o próprio intérprete do que o professor quando tá explicando. Então isso (...) diretamente com

o aluno, o interesse pela disciplina aumenta com certeza e o aprendizado é muito, muito mais eficiente. (Narciso)<sup>3</sup>

O ensino de matemática foi iniciado com uso de *slides*, a priori uma aula “tradicional”, tal qual de uma escola pública, porém diferenciava-se no sentido que o professor usava Libras sem intermediações. Em Libras a dificuldade em traduzir o dito envolve o contexto da enunciação (assim como em outras línguas, por exemplo, o Inglês, Francês ou Espanhol), pois em uma língua visual-espacial os cuidados com a fidelidade do enunciado não diminuí. “O tradutor não é um mero repetidor em outra língua do texto original. Ele formula, ele recria, ele produz também todo o conteúdo. A relação entre o tradutor e o texto a ser traduzido é indissociável.” (MACHADO, 2010 p. 80).

A primeira aula serviu como sondagem do conhecimento teórico dos surdos. A partir disso, o voluntário fez uso de objetos concretos como sólidos geométricos para saber se eles possuíam o conhecimento lógico associado ao técnico na formação e intersecção de conjuntos<sup>4</sup>.

Contudo, nem todos os voluntários sabiam Libras, e por isso o programa envolveu uma intérprete voluntária da rede pública de ensino e, com o auxílio da intérprete, foram ministradas aulas de língua Portuguesa sobre temas da atualidade e Língua estrangeira (Inglês), disciplina também essencial para a formação acadêmica e profissional do surdo. Convém citar que a relação da intérprete com os alunos surdos ultrapassou a profissional, criando laços de amizade e afeto de ambas as partes.

As aulas de Língua Portuguesa foram ministradas por uma voluntária que participou anteriormente das atividades do NEES no grupo de alunos deficientes visuais do ensino médio, contribuindo com redação e espanhol (PEREIRA, 2010). Desta vez, as aulas eram direcionadas ao grupo de surdos trabalhando com textos acerca de temas atuais que eram socializados por meio do intérprete de Libras.

Verificou-se que “nas últimas provas do vestibular [referente às provas da UFPA anteriores a 2011], alguns alunos que se comunicam fluentemente através de Libras obtiveram resultado insatisfatório na prova de Língua Portuguesa” (ANDRADE, 2010, p. 99). Entretanto, com a retomada dos temas das provas, tornou-se possível trabalhar estes temas nas oficinas e incentivar os surdos a respeito da busca de informações na internet, em revistas e jornais, pois seriam úteis tanto para o vestibular quanto para própria formação pessoal e profissional e a partir disso, percebeu-se que houve avanços em relação à compreensão e produção escrita dos surdos aumentando a possibilidade de aprovação nos próximos vestibulares.

Em contrapartida às subáreas ministradas no projeto, neste trabalho são apresentadas informações mais completas sobre as aulas de Língua Inglesa. A ideia inicial foi a confecção de fichas contendo a palavra/frase em português, em inglês e o sinal em Libras, pois os surdos participantes eram todos usuários fluentes dessa língua de sinais, retomando a mesma didática que outros graduandos da UFPA usaram quando faziam parte do projeto. Contudo, após alguns encontros, percebeu-se que as fichas estavam apresentando as informações em três línguas (Português, Inglês e Libras) o que confundia os surdos. Portanto, foi proposta a retirada do português das fichas, já que o ideal é que os surdos associassem o sinal com a frase em inglês e não em português.

Durante as oficinas, os surdos pesquisados se mostravam dispostos e não se inibiam em responder ou perguntar ao outro usando a língua de sinais a respeito do que visualizavam nas fichas. As frases eram do tipo: *Hello! What is your name? How old are you?* É válido ressaltar que alguns surdos participantes do projeto já haviam concluído o Ensino Médio e lembraram-se de algumas das expressões que viram durante as aulas de Inglês na escola regular, mas mesmo assim, não entendiam por que o verbo *to be* significa *ser* ou *estar*.

---

<sup>3</sup> Foram adotados codinomes para os sujeitos da pesquisa, preservando seu anonimato.

<sup>4</sup> Assunto abordado pelo voluntário.

As dúvidas surgiam porque *is* e *are* são o verbo ser ou estar e eles queriam traduzir palavra por palavra das frases de cumprimentos, atitude comum a aprendizes de LE. No sentido de minimizar as dúvidas acerca do verbo *to be*, foram usadas frases que em uma situação o *is* e *are* significava *ser* e *is* e *are* significava *estar*. Foi questionado se lembravam da conjugação do verbo no português e depois no inglês e juntamente com a bolsista, conjugaram os verbos usando exemplos no quadro. A partir disso, é possível inferir que foi o propósito inicial de amenizar as dúvidas de como usar o verbo *to be* foi alcançado.

Convém ressaltar que houve vezes em que alguns alunos respondiam além do comando da questão quando lhes eram propostos exercícios escritos. Os surdos demonstravam interesse na disciplina e uma das surdas que já concluiu o Ensino Médio, disse que queria aprender inglês porque sabe que é necessário no mercado de trabalho e para a graduação.

Nos encontros havia uma relação de colaboração entre os surdos, pois sempre que um não entendia o contexto, aquele que entendia explicava ao outro em Libras sempre esperando a confirmação da intérprete se era realmente o que ele havia entendido. Percebia-se que havia sempre um disposto a incentivar e ajudar o outro.

Em uma aula, em que o tema foi os componentes de uma família, foi utilizado imagens de uma família da TV bem conhecida: OS SIMPSONS. Com as imagens e fichas em inglês distribuídas em cima de uma mesa da sala, foi questionado se teriam alguma informação ou se conheciam os personagens da figura, e o reconhecimento foi imediato.

Após colocar as imagens, foi pedido que olhassem a Xerox que havia sido entregue e olhassem o nome que estava com ele na mão e que colocasse no seu respectivo correspondente. Um casal de surdos que tinha ido pela primeira vez, foi o primeiro a se dispor a relacionar ficha e imagem, no caso *grandparents* (avós). Assim foi com cada integrante que estava na árvore genealógica. Ao longo da atividade, os surdos faziam uso da datilologia<sup>5</sup> para terem certeza do sentido da frase.

Durante as aulas, o trabalho com fichas exigiu dos surdos disposição e por fim, aguçou a percepção visual que eles possuem. Nesse sentido, percebeu-se o interesse dos surdos pelo Inglês, mas a dificuldade em encontrar material didático direcionado a essa clientela foi um dos empecilhos na organização e preparação das oficinas. Contudo, buscou-se fazer uso de textos interpretativos e cotidianos.

Mas, sobretudo, o mais importante era tornar as oficinas produtivas, priorizando a identidade surda e as relações estabelecidas (dificuldades e possíveis soluções) no processo de aprendizagem nas diferentes linguagens: Matemática, Língua Portuguesa e Língua Estrangeira, especificamente o Inglês.

## Referências

ANDRADE, Aline Costa de. *Leitura em Língua Portuguesa: exercícios em segunda língua para surdos*. In: JORNADA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSÃO, 2010, Marabá. *Anais*. Gráfica Universitária, Belém, 2010.

DINIZ, Débora. *O que é deficiência*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales, *Grande Dicionário Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LE BRETON, Jean-Marie, Reflexões anglófilas sobre a geopolítica do inglês. In: LACOSTE, Yves *et.al. A geopolítica do inglês* São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

---

<sup>5</sup> Datilologia: s.f. comunicação através de sinais feito com os dedos, p. ex., alfabeto manual de surdos [Libras] (Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. P. 912).

MACHADO, Lucyenne Matos da Costa Vieira, *Os surdos, os ouvintes e a escola: narrativas, traduções e histórias capixabas*. Vitória: EDUFES, 2010.

PEREIRA, Ingrid Fernandes Gomes, *Redigindo Identidades: os processos de transição, na educação dos surdos, da língua brasileira de sinais para a língua portuguesa*. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Educação/UFPA, Marabá-PA, 2010.

RABELO, Lucélia Cardoso Cavalcante; ANJOS, Hildete Pereira dos; PEREIRA, Mirian Rosa. Núcleo de Educação Especial e Núcleo de Acessibilidade do Campus Universitário de Marabá/UFPA: uma análise de experiência. In: ANJOS, Hildete Pereira (org.) *Pesquisando a inclusão nas escolas públicas: um trajeto*. Curitiba: Editora CRV, 2011.

SERRANO, Rossana Maria Souto Maior, *Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire*. Disponível em  
<[http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos\\_de\\_extensao\\_universitaria.pdf](http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf)> Acesso em 10 de Abril de 2012.